

NARRATIVA BÍBLICA SOB O OLHAR DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Dulce Elena Coelho Barros*

Resumo: Serve-nos de *corpus* analítico deste estudo o Evangelho segundo Mateus, capítulo quinze. As discussões teórico-analíticas são feitas à luz dos dados extraídos do versículo vinte e um ao versículo vinte e oito. Trata-se de uma narrativa em que o foco recai sobre um diálogo travado entre Jesus e uma mulher grega. Nosso objetivo é proceder a análise dos efeitos de sentidos gerados da interação, supostamente estabelecida, entre os sujeitos participantes da cena enunciativa em foco e das relações de força nela compreendidas. Numa perspectiva interdisciplinar, lançamos mão de preceitos da Pragmática da Interlocução de Austin (1990) e da Análise Crítica do Discurso postulada por Fairclough (2001), cujo método analítico permite diálogos com a abordagem linguística de natureza pragmática.

Palavras-chave: Discurso bíblico. Análise Crítica do Discurso. Atos de fala. Ideologia.

BIBLICAL NARRATIVE FROM THE POINT OF VIEW OF THE CRITICAL ANALYSIS OF DISCOURSE

Abstract: This current paper takes Chapter 15 from St. Mathew's Gospel as its analytic corpus. The theoretical and analytical discussions focus on verses 21 to 28, narrating a dialogue between Jesus and a Greek woman. We aim to analyze the effects of meanings within the interaction allegedly established between the participating agents in the scene and the power relations presented in it. Certain precepts from Austin's Interlocution Pragmatics (1990) and the Critical Discourse Analysis will be described from an interdisciplinary perspective. The adopted method of analysis follows precepts by Fairclough (2001), whose analytical method allows dialogues with a linguistic approach of a pragmatic nature.

Keywords: Biblical discourse. Critical Discourse Analysis. Speech acts. Ideology.

Introdução

O campo de estudo da Análise Crítica do Discurso (ACD) é o discurso, que, em consonância com a perspectiva tridimensional sugerida por Fairclough (2001), é concebido como prática discursiva, prática social e prática linguística. Esse modo de encarar o discurso sugere que o mesmo compreende material potencialmente rico a ser estudado, seja veiculado por meio de texto escrito, de imagens ou das práticas enunciativas verbais/orais, de natureza política, midiática, religiosa ou pedagógica, esteja ele formalizado sob qualquer gênero.

Partindo-se do princípio de que toda e qualquer prática linguístico-discursiva não se faz alheia aos modos de ação dos sujeitos nela inscritos, serão

feitas, inicialmente, breves considerações a respeito da língua como lugar de atuação social. Em seguida, são apontados aspectos teóricos da Análise Crítica do Discurso cunhados por Fairclough (2001), a partir da qual, dada a sua natureza interdisciplinar, trazemos para o cerne deste estudo a Teoria dos Atos de Fala (AUSTIN, 1990). É com base em tais fundamentos que pretendemos nortear este estudo, relacionado a uma narrativa bíblica registrada no evangelho segundo escreveu Mateus. Cumpre salientar que a palavra evangelho advém do grego *evaggelion* (boas novas), tendo sido reservado o termo para aquele que trazia boas notícias. Os evangelhos que compõem o Novo Testamento, a saber, Mateus, Marcos, Lucas e João, são relatos da vida e obra de Jesus Cristo. Trata-se, portanto, de um discurso relatado. No entanto, o foco deste estudo está no diálogo, embora este esteja inserido no discurso relatado, já que se trata de um evangelho. Sendo assim, nossos olhos voltam-se, mais especificamente, a uma situação de interação entre Jesus e uma mulher grega.

A continuidade do estudo faz-se com a análise da narrativa bíblica intitulada pelo evangelista de “A mulher cananéia”, na qual uma mulher grega e Jesus interagem discursivamente. A análise aqui empreendida lança luz sobre as formas de ação do discurso, travado ao longo da narrativa, em relação a seus potenciais leitores. O caráter acional dos discursos, ou seja, a sua interferência nas possibilidades de se experienciar o dito, deve-se, por assim dizer, ao caráter não menos acional das práticas sociais que, como defendem Fairclough (1991, 2001) e seguidores, determinam os discursos e são por eles determinadas. A análise também aponta para a relevância dos fatores históricos que envolvem o evento discursivo em foco, no que concerne: a) à interpretação/compreensão da cena enunciativa; b) aos aspectos relativos à interpelação ideológica sofrida pelos sujeitos; c) à força retórico-argumentativa subjacente aos atos enunciativos, que, em condições propícias, orienta o discurso em um contexto altamente carregado de significação.

1 Língua como atuação social

À parte de qualquer definição de língua já elencada pelos estudiosos da linguagem e pela Linguística, nas suas mais diversas correntes, ao longo de

todos esses anos de pesquisa e objeto de interesse – desde o século XIX com o estudo das línguas românicas e germânicas e, depois, mais especificamente, com Saussure, até os dias de hoje – é irrefutável que a língua seja vista como um organismo vivo, sobre o qual os falantes atuam. É evidente que, quando se faz tal afirmação, determinados pontos de vista são privilegiados, como o enunciativo, em que o sujeito ganha papel preponderante nas reflexões linguísticas. E se falamos em sujeito, falamos em subjetividade. Segundo Benveniste (1988, p. 186), “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de *ego*” (grifo do autor).

Diante disso, não se pode negar o caráter subjetivo da linguagem. Ao fazermos uso do sistema linguístico, não estamos apenas colocando-o em uso, como alguém que se apropria da língua, mas estamos nos colocando como sujeitos de uma atividade, a atividade languageira. Falamos, portanto, de uma atividade não apropriável, porém constitutiva. Assim, o produto dessa atividade não consiste apenas em declarações, descrições ou relatos constativos, mas enunciados plenos de sentidos, pressuposições, implicaturas, etc. Isso porque todo dito traz as marcas discursivas do falante, isto é, signos linguísticos, palavras escolhidas em função de seus objetivos e inserções subjetivas nas práticas linguístico-discursivas. Ao dizermos algo, dizemos para um determinado fim, dizemos para que signifique, para que se construa um sentido. Contudo, não somente o que dizemos significa, mas também como dizemos, para quem dizemos, onde dizemos, quando dizemos e quem é o *eu* que diz. O sentido do dito não está, por conseguinte, restrito ao sistema linguístico, é composto por todo o cenário que constitui o dito. Esse contexto – aqui chamado de “cenário” – , elemento altamente privilegiado pela *Teoria da Enunciação*, cujo principal representante é Emile Benveniste, é fator *sine qua non*, tanto no que diz respeito às atividades de produção quanto no que concerne às atividades de interpretação semiótica.

As correntes linguísticas desenvolvidas com base numa concepção de linguagem como forma de interação comunicativa buscam estudar os processos e os efeitos dos dizeres. Para tanto, disponibilizam algumas ferramentas analíticas cuja instrumentalidade não se estriba no funcionamento linguístico em

si, mas nas relações recíprocas estabelecidas entre sujeitos e práticas linguístico-discursivas concretas. Nesse sentido, o foco dos estudos do discurso volta-se para as diversas manifestações humanas que se dão por meio da língua, entre elas: relações de poder, posicionamentos ideológicos, identidades sociais, entre outras. Para Fairclough (2001, p. 91), discurso é “um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação”.

Em consonância com esse modo de encarar a dimensão discursiva das práticas linguísticas, Barros (2008) argumenta que, na construção das relações sociais entre indivíduos, os efeitos construtivos do discurso podem ser sentidos nas formas de representação das identidades sociais, na determinação de posições sociais para os sujeitos e tipos de “eu”. Esse acercamento do discurso suscita reflexões quanto aos lugares sociais de fabricação ou emergência do dizer e do fazer linguísticos.

2 Lugar social do dizer e do fazer

Tendo em vista a relação língua/exterioridade, a Análise Crítica do Discurso (ACD) postula que o discurso é sempre parte de uma ação social, ou ainda, uma forma de prática social. Ele é influenciado pelo contexto social e, ao mesmo tempo, o influencia (CALDAS-COULTHARD; SCLIAR-CABRAL, 2008, p. 36). Segundo Fairclough (2001), há uma relação dialética entre discurso e estrutura social. A estrutura social seria tanto um efeito como uma condição para a prática social, já o discurso, por outro lado, é moldado e restringido pela estrutura social. Para esse estudioso, “discurso é uma prática social, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

É, portanto, premissa da ACD que práticas discursivas e práticas sociais estão irreduzivelmente relacionadas. Quando falamos em práticas sociais, elementos sociais, estrutura social, vida social, referimo-nos a indivíduos que se inter-relacionam numa sociedade. Essa socialização dos indivíduos é permeada por relações de poder/força, desencadeadoras, por sua vez, das lutas

hegemônicas e ideológicas. Nas palavras de Pedro (1997), a ACD dá-se por meio de um processo analítico, o qual:

julga os seres humanos a partir da sua socialização, e as subjetividades humanas e o uso linguístico como expressão de uma produção realizada em contextos sociais e culturais, orientados por formas ideológicas e desigualdades sociais (PEDRO, 1997, p. 21).

Se as práticas sociais são orientadas por ideologias e relações de poder, têm-se, então, agentes sociais ou atores sociais, que também podem ser chamados de atores ideológicos. E é na linguagem e pela linguagem que ocorre essa atuação ideológica. Posto isso, na ACD, o sujeito do discurso é um sujeito que constrói e é construído/constituído via processos discursivos (PEDRO, 1997). Nesse passo, linguagem, discurso, ideologia e sociedade compreendem domínios mutuamente relacionados.

Com base na máxima de que as práticas linguístico-discursivas imbricam nas estruturas sociopolíticas do poder e da dominação, compreende-se que, enquanto analistas críticos dos discursos, desempenhamos um papel fundamental na busca por desvelar aspectos da vida social modelados pelos discursos da (re)produção da dominação. Tal dominação inclui desigualdade social, política, cultural, diferenciação e discriminação de classe, raça, sexo, características étnicas (PEDRO, 1997). Em meio a esses aspectos, o “sujeito ator social” realiza suas práticas discursivas, de modo a se movimentar nessas relações assimétricas. Numa posição hierárquica de dominante, tende a impor visões de mundo, valores e ideologias que visam a favorecer as práticas socioculturais hegemônicas. Contrariamente, numa posição hierárquica de dominado, tende a resistir ao *status quo*, às imposições, às demandas que, via de regra, buscam controlar o acesso aos bens (materiais/imateriais) capazes promover o seu empoderamento.

No entanto, ainda que o sujeito concebido pela ACD seja um sujeito agente, isto é, que atua pela linguagem a fim de alcançar seus objetivos e promover seus interesses nas relações sociais, segundo Fairclough (2001), ao ser interpelado por ideologias, ele sofre determinação inconsciente. Por esse motivo, há a necessidade premente da aquisição de uma consciência crítica dos modos de atuação da linguagem/discursos sobre o corpo social. Esse é um dos

grandes fatores de diferenciação entre a *Análise Crítica do Discurso* e a *Análise do Discurso*. Para a *Análise de Discurso*:

(...) tanto os elementos lingüísticos (em especial, o sentido) quanto os elementos das condições de produção são concebidos como se fossem inacessíveis ao sujeito, de maneira que a relação que o sujeito tem com eles pode ser descrita como de desconhecimento. Ele pode pensar que sabe, mas não sabe (...) o sujeito é mais uma peça e uma função do que agente ou mesmo ator (...) o saber do falante não é, não pode ser levado em conta. Seria um escândalo falar em competência comunicativa no interior dessa teoria que privilegia, quando não torna exclusivo, o inconsciente (e seu correlato, a ideologia) (POSSENTI, 1996, p. 78).

Apesar do relativo afastamento entre AD de linha francesa e ACD, tanto Fairclough (2001) quanto Pêcheux (1997) defendem uma análise ideológica do discurso. Todavia, para Fairclough (2001, p. 91):

O discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder. (...) a ideologia são os significados gerados em relações de poder como dimensão do exercício do poder e da luta pelo poder. (...) a prática discursiva recorre a convenções que naturalizam relações de poder e ideologias particulares e as próprias convenções, e os modos em que se articulam são um foco de luta.

Tendo em vista esse sujeito ideologicamente interpelado que age discursivamente por meio de práticas sociais, na ACD, o discurso figura de três maneiras: modos de agir, modos de representar e modos de ser. É o que será discutido no próximo tópico.

3 Os significados do discurso

Em consonância com Fairclough (2001), Ramalho (2006) apresenta as três principais maneiras através das quais o discurso figura em práticas sociais, ou seja, por meio dos significados do discurso: o *significado acional*, o *significado representacional* e o *significado identificacional*.

O significado acional focaliza o texto como modo de (inter)ação em eventos sociais, aproxima-se da função interpessoal (ou relacional) de Halliday

(1976), pois a ação legitima/questiona relações sociais. Esse significado também incorpora a função textual. O significado representacional enfatiza a representação de aspectos do mundo, físico, mental e social, aproximando-se da função ideacional. O significado identificacional refere-se à construção e à negociação de identidades no discurso, relacionando-se à função interpessoal.

As funções mencionadas anteriormente, associadas aos significados do discurso, a saber, *função interpessoal*, *função ideacional* e *função textual*, dizem respeito às funções desempenhadas pela língua, conforme postula Halliday (1976). Para Barros (2015), as funções da linguagem ou metafunções enunciadas por Halliday (1976) permitem entender a estrutura linguística como elemento que engloba: 1- a nossa maneira de ver as coisas ou vivenciar o mundo que nos cerca (significados ideacionais); 2- as formas de estabelecimento e manutenção das relações sociais ou interpessoais (significados identificacionais); 3- a nossa capacidade de construir textos e reconhecê-los como unidades significativas (significados textuais). Logo, cada uma dessas categorias é usada como base para explorarmos de que forma os significados são criados e entendidos/interpretados.

Os significados interpessoais (relacionais/identificacionais), compreendidos, por sua vez, nas relações entre indivíduos sociais e nos modos de se identificarem uns frente aos outros, podem ser buscados e/ou acessados nos atos de fala produzidos em atividades linguísticas situadas. Essa interferência dos aspectos pragmáticos relativos aos fenômenos linguísticos vem sendo sublinhada por Silva (2005), que, ao associar a metafunção interpessoal de Halliday (1976) às variáveis de contexto e às realizações léxico-gramaticais, sugere olhar para a sentença como ato de fala.

A dimensão pragmática relativa aos estudos discursivos em ACD vem também pontuada por Barros e Silva (2008), no momento em que essas estudiosas referem-se ao Estágio Interpretativo do modelo sugerido por Fairclough (2001) para os estudos do discurso, ao qual, dentre outras categorias analíticas, incorpora-se a chamada “força do enunciado”. Segundo as pesquisadoras, “a força de parte de um texto é interpretada à luz da ação social que realiza, que ato(s) de fala desempenha (dar ordem, ameaçar, prometer, etc)” (BARROS; SILVA, 2008, p. 137-138). Vemos, portanto, a pertinência da inserção

de aspectos relativos à Teoria dos Atos de Fala nesta reflexão, ao passo que se coaduna com os significados acionais das práticas discursivas.

4 Especificando algumas ferramentas

Olhar criticamente para o discurso, conforme a ACD, é concebê-lo de maneira tridimensional. Esse “tripé” compreende *texto*, *prática discursiva* e *prática social*. Fairclough (2001), metodologicamente, relaciona a essa concepção uma abordagem também em três dimensões: descrição, interpretação e explicação.

O estudioso britânico explica que, na descrição, os textos são analisados em termos de vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual, ou seja, o texto é analisado em termos de suas características formais. Na interpretação, a investigação apoia-se sobre as convenções. Os diferentes “gêneros interacionais” são uma estratégia para investigar como as convenções são usadas (CALDAS-COULTHARD; SCLiar-CABRAL, 2008). Tanto a prática discursiva quanto a prática social são contempladas pela interpretação. Na explicação, buscada diretamente nas práticas sociais situadas, explicita-se como as duas primeiras dimensões estão inseridas na ação social. De acordo com o que salientam Caldas-Coulthard e Scliar-Cabral (2008), é nesta dimensão que as relações de poder e valores discriminatórios podem ser desvendados.

O objeto de estudo aqui proposto é um diálogo entre Jesus e uma mulher, registrado no capítulo quinze do Evangelho de Mateus. Para compreender esse texto, devem ser considerados elementos como os efeitos de sentidos buscados e/ou alcançados, preferências do falante na escolha de formas e sequências linguísticas frente aos objetivos buscados, bem como os aspectos socioculturais que constituem as relações de poder ali retratadas ou dissimuladas.

Pretende-se, neste artigo, percorrer o caminho tridimensional proposto pela ACD, de descrição, interpretação e explicação, a fim de investigar de que maneira se dão os significados – em especial o acional e o representacional – no discurso e as funções nele contidas.

No que tange ao significado acional do discurso, que, como vimos anteriormente, está relacionado ao aspecto textual, tomaremos por base a

Teoria dos Atos de Fala, de Austin (1990). Para isso, relembremos a distinção que o autor faz entre três tipos de atos: *locucionários*, *ilocucionários* e *perlocucionários*. O ato locucionário consiste na emissão de um conjunto de sons, organizados de acordo com as regras da língua; o ato ilocucionário atribui a esse conjunto (o ato locucionário) uma determinada força: de pergunta, de asserção, de ordem, de promessa, etc; o ato perlocucionário é aquele destinado a exercer certos efeitos sobre o interlocutor ou no próprio: convencê-lo, assustá-lo, agradá-lo, etc.

Os enunciados que realizam a ação que nomeiam são identificados por Austin (1990) como performativos. Trata-se da ocorrência de uma ação quando se enuncia uma frase, o caso da ordem, da promessa, do juramento, entre outros.

De modo geral, busca-se aqui, frente à perspectiva teórico-metodológica da ACD, em cotejo com a Teoria dos Atos de Fala de Austin, investigar os efeitos de sentido produzidos nesse discurso bíblico e as relações estabelecidas entre uso da língua e práticas sociais.

5 A atividade linguageira no discurso bíblico: um recorte discursivo dos tempos de Jesus

O acontecimento discursivo em foco inicia-se no versículo vinte e um e estende-se até o versículo vinte e oito do capítulo quinze do Evangelho segundo Mateus (grifos da autora):

²¹Partindo Jesus dali, retirou-se para os lados de Tiro e Sidom.
²²E eis que **uma mulher cananéia**, que viera daquelas regiões, clamava: Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de mim! Minha filha está horrivelmente endemoninhada. ²³Ele, porém, não lhe respondeu palavra. E os seus discípulos, aproximando-se, rogaram-lhe: Despede-a, pois vem clamando atrás de nós.
²⁴Mas Jesus respondeu: Não fui enviado senão às **ovelhas perdidas** da casa de Israel. ²⁵Ela, porém, veio e o adorou, dizendo: Senhor, socorre-me! ²⁶Então, ele, respondendo, disse: Não é bom tomar o pão dos **filhos** e lançá-lo aos cachorrinhos.
²⁷Ela, contudo, replicou: Sim, Senhor, porém os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos.
²⁸Então, lhe disse Jesus: Ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se

contigo como queres. E, desde aquele momento, sua filha ficou
sã (Disponível em:
https://files.comunidades.net/siteocaminho/A_mulher_cananeaia.pdf. Acesso em: 29/09/2022).

Um aspecto bastante saliente nesse excerto é a referência feita à mulher como “cananéia”. O mesmo episódio relatado no Evangelho segundo escreveu Marcos refere-se à mulher como “sírio-fenícia”. Temos, pois, o mesmo episódio registrado por escritores diferentes, que denominam a mulher grega de modos distintos. Para entendermos a relevância desse fato, é necessário ressaltar alguns aspectos históricos. Muito embora fuja aos objetivos deste estudo estabelecer comparação entre os evangelistas, a saber, Mateus e Marcos, vale esclarecer a diferença para melhor compreensão do texto.

A referência à mulher como “cananéia” indica que ela não fazia parte do povo judeu, ou seja, era gentílica. Os gentios, como são chamados os não-judeus no Novo Testamento, eram absolutamente desprezados pelos judeus, considerados inferiores, já que somente estes eram tidos como o povo da aliança, o povo escolhido por Deus. Levando em consideração que Mateus escreve seu evangelho para os judeus (TENNEY, 2008), fica evidente a posição inferior em que estava aquela mulher. Por outro lado, Marcos escreve seu evangelho para os romanos (TENNEY, 2008), logo não teria relevância (sociocultural e religiosa) identificá-la como “cananéia”, por isso este evangelista apresenta-a como sírio-fenícia por meio de sua origem geográfica, a região da Fenícia.

Nota-se, portanto, que a escolha do elemento linguístico “cananéia” representa uma visão de mundo ideologicamente sectária e discriminadora. A expressão metafórica utilizada por Jesus em: “Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Bíblia, 2009, p. 87), no que concerne ao significado representacional do discurso, posiciona a mulher cananéia entre o povo sofrido, perdido, rejeitado e excluído da casa de Israel. Nesse ínterim, quanto ao significado identificacional e relacional, situa-se frente a esses sujeitos como “enviado”, cuja função seria a de reunir em um só rebanho, judeus e gentios numa só Igreja e à luz de um só Senhor. Em resposta ao clamor da mulher, Jesus responde ressaltando seu interesse sobre Israel: “Não é bom tomar o pão dos filhos e jogá-lo aos cachorrinhos” (Bíblia, 2009, p. 87). Jesus usa uma

metáfora da comida/pão e não responde ao pedido de cura de sua filha. Conforme destaca Sass (2014), o termo filhos/filhas, no Novo Testamento, significa descendência, raça, ou seja, filhos em relação aos pais ou a Abraão. Assim, a expressão “filhos de Israel” deve ser interpretada numa associação com o termo “aliança”.

Outro fator histórico importante é a situação da mulher no primeiro século. O historiador Daniel-Rops (2008) esclarece que a mulher tinha uma vida de anonimato, tanto social quanto culturalmente, e também diante da lei. Era absolutamente impróprio a um israelita conversar com uma mulher na rua, ainda que ela fosse sua mãe. A mulher era severamente assujeitada ao marido, ao qual devia total fidelidade, sem ter o direito de exigir o mesmo dele. Sua posição na sociedade era inferior em todos os aspectos. Nas ruas e templos, deveria ficar a certa distância dos homens, mesmo que fossem seus próprios maridos e familiares. Sua vida passava-se em casa e as janelas deveriam ter grades para não serem vistas. Perante a lei, era considerada menor e irresponsável. O marido podia recusar qualquer compromisso por ela assumido. Alguns livros da época – apócrifos – retratam a mulher como um ensejo à fornicção. Muitos homens demonstravam verdadeiro desprezo ou aversão à mulher.

O texto do Evangelho de Mateus inicia-se com um dêitico, “dali” (Versículo 21), elemento exofórico que nos faz retomar o contexto anterior ao capítulo quinze. O lugar correspondente ao “dali”, ou seja, o seu referente exofórico, é Genezaré. O versículo trinta e quatro do capítulo quatorze relata: “Tendo passado para o outro lado, alcançaram terra em Genezaré” (Bíblia, 2009, p. 80).

A informação dada pelo autor, “E eis que uma mulher cananéia, que viera daquelas regiões” (Bíblia, 2009, p. 87), reforça a situação/posição desprezível daquela mulher. O contexto histórico revela-nos que, além de todos os aspectos sociais e culturais que giravam em torno do fato de ela ser mulher, havia também o fator religioso, que também a inferiorizava.

Partindo da dimensão da *descrição*, conforme propõe Fairclough (2001), atentemo-nos para alguns aspectos relacionados ao texto e ao *significado acional* que ele produz. Quando a mulher cananéia diz “Filho de Davi”, ela não realiza apenas o ato locucional de dizer “Filho de Davi”, mas realiza o ato ilocucional de afirmar que aquele a quem ela pede ajuda é reconhecido por ela

como o Messias esperado, o filho prometido por Deus. Isso porque a expressão “Filho de Davi” ou “Raiz de Davi” era utilizada na Bíblia, inclusive no Antigo Testamento, justamente para referir-se a Jesus, já que esse era da descendência davídica. A força ilocucional sugerida/provocada pela mulher é tornar evidente ao interlocutor, Jesus, que ela acredita ser ele o salvador. A sequência da fala, “tem compaixão de mim! Minha filha está horrivelmente endemoninhada” (Bíblia, 2009, p. 87), leva-nos a entender o ato perlocucional que ela pretende exercer sobre o interlocutor, qual seja, um ato milagroso que traga cura para sua filha. Embora, nesse momento, a mulher não faça uso de formas linguísticas que explicitem sua intenção, a expressão “tem compaixão” seguida da descrição do estado em que sua filha encontra-se, “horrivelmente endemoninhada”, infere um pedido de ajuda. O modalizador “horrivelmente” intensifica tal inferência.

O discurso segue-se com um silêncio. O narrador informa: “Ele, porém, não lhe respondeu palavra” (Bíblia, 2009, p. 87). Na dimensão da *interpretação*, é possível dizer que “há toda uma margem de não-ditos que também significam” (ORLANDI, 1996). O que significaria esse silêncio? É improvável que o interlocutor (Jesus) tenha ficado em silêncio por não ter escutado, visto que a mulher falava em alta voz (“clamava”, conforme registra o autor) e aqueles que estavam próximos a ele escutaram e manifestaram-se dizendo: “Despede-a, pois vem clamando atrás de nós” (Bíblia, 2009, p. 87). Esse seria um indicativo de que Jesus também teria escutado. É possível entender esse não-dito como rejeição, desprezo, indiferença devido a fatores religiosos, sociais e culturais. Esse argumento parece ser corroborado, quando Jesus diz aos discípulos: “Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Bíblia, 2009, p. 87).

Não é possível afirmar categoricamente que a mulher tenha escutado essa fala de Jesus, já que ele andava, normalmente, cercado de pessoas (curiosos, discípulos, doentes, religiosos, espiões políticos, entre outros) e as escrituras dão-nos a ideia de que ela estava a uma certa distância, afastada do grupo, o que pode ser evidenciado nos verbos em destaque, “vem clamando atrás de nós”, “Ela, porém, veio e o adorou”, todavia a tradução do texto grego, aqui utilizada, traz a conjunção adversativa “porém”, “Ela, *porém*, veio e o adorou, dizendo: Senhor, socorre-me!”, o que permite dizer que, provavelmente,

ela o ouviu e, mesmo diante daquela rejeição, não se importou em pedir ajuda, agora explicitamente, utilizando a forma linguística “socorre-me!”. O ato ilocutório de natureza diretiva corrobora o desejo do falante em influenciar a sua audiência e obter sucesso frente ao seu anseio.

A expressão “socorre-me!”, além de um ato ilocucional de pedido de ajuda, com vistas a um ato perlocucional de obter a cura para sua filha, pode ser tomada também como um performativo, posto que é, em si, um ato de adoração. Essa afirmação é passível de se sustentar porque o autor assim sinaliza: “Ela, porém, veio e o adorou, dizendo: Senhor, socorre-me!” (Bíblia, 2009, p. 87). Por dizer “socorre-me!”, ela não está apenas pedindo ajuda, mas expressando submissão e reconhecimento de que ele pode ajudá-la. Ela se coloca em posição inferior, elevando seu interlocutor a uma posição superior; essas são as relações de força e de poder compreendidas no acontecimento discursivo em foco. O significado representacional do discurso, proposto por Fairclough (2001), ganha consistência nesse momento em que são evidenciadas as relações de força/poder, sendo Jesus o dominante e a mulher o sujeito dominado. No discurso, Jesus representa a cura, aquele que tem o poder de curar e, portanto, transformar/reconfigurar um estado de coisas por meio do dito/dizer.

No entanto, o ato perlocucional que a mulher pretendia não é ainda alcançado. A resposta para o seu pedido é uma negação, “Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos”, e chega a parecer uma negação ofensiva. Infere-se que: (1) ela não é filha para poder comer o pão; (2) ele é quem está sob o controle da situação, quem detém o poder, pois ele é quem dá o pão, isto é, concede dádivas; (3) ela não é digna de receber o que ele tem para dar, seria um desperdício. Qual o ato ilocucional dessa fala? Qual seria o ato perlocucional esperado? Se o discurso terminasse aqui, poderíamos dizer que o locutor pretendia que a mulher parasse de pedir ajuda e se retirasse, mas o seu desfecho parece não indicar isso.

É importante observar nessa resposta a marca da metáfora. De acordo com o que apresentam Barros e Silva (2008), ao discorrerem sobre os “valores metafóricos” concernentes ao “estágio descritivo” do modelo sugerido pela ACD, segundo Fairclough (1991), a metáfora consiste em representar um aspecto da experiência em termos de outra, e está impregnada de ideologia. Jesus

estabelece uma relação metafórica entre a mulher e cachorrinhos. Conforme Daniel-Rops (2008), era comum, naquela época, os judeus compararem os não-judeus a animais, haja vista a posição discriminatória a que eram submetidos. Ao usar essa metáfora, Jesus partilha da ideologia sectarista, evidenciando/retratando as desigualdades sociais, culturais e religiosas daquele contexto.

A resposta da mulher a Jesus, “Sim, Senhor, porém os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos” (Bíblia, 2009, p. 87), indica que ela sabe bem a que Jesus refere-se e seleciona adequadamente os componentes linguísticos para responder-lhe. Com essa fala, ela alcança o seu objetivo. Essa não é apenas uma resposta que reconhece e aceita sua posição inferior, é ainda uma insistência. Podemos verificar que o ato ilocucional aqui delineado tem a função de explicitar que, para ela, mesmo a sobra do que ele tem a oferecer lhe será suficiente. Ela deposita nele a sua esperança. A resposta de Jesus, “Ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se contigo como queres. E, desde aquele momento, sua filha ficou sã” (Bíblia, 2009, p. 87), revela que, nesse momento, ela obtém o pretendido. Realiza-se o ato perlocucional, a dádiva esperada, a cura da filha. Também se pode identificar um performativo no dizer/dito “*Faça-se contigo como queres*” (Bíblia, 2009, p. 87), momento em que se dá o ato da cura e que sua filha transforma-se numa pessoa sã.

Conforme discutido anteriormente, no campo teórico da ACD, discurso, dentre outras características, é uma forma de ação sobre o outro. Assim sendo, é possível verificar que, tendo em vista a última fala, “Ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se contigo como queres”, a partir da qual se realiza o ato perlocutório, posto que o pedido de cura foi realizado, “desde aquele momento, sua filha ficou sã” (Bíblia, 2009, p. 87), de alguma forma, o discurso de Jesus agiu sobre a mulher e sobre o auditório ali presente. Sua última fala, de certa maneira, desconstrói toda a força ilocucional que se manteve durante seus atos de fala. Jesus, que parecia rejeitá-la e tratá-la com indiferença, lança mão de palavras elogiosas para com ela: “Ó mulher, grande é a tua fé” (Bíblia, 2009, p. 87).

Com base na abordagem da explicação, proposta por Fairclough (2001), podemos afirmar que paira sobre esse discurso uma ideologia que discrimina/sectariza judeus e cananeus, sendo esses últimos marginalizados e

considerados não dignos de receber qualquer tipo de ato de benevolência. Isso também nos remete ao ponto de vista marxista a respeito da segregação de classes, embora o que esteja em voga nesse texto sejam aspectos muito mais religiosos do que econômicos, e não haja efetivamente uma luta de classes, todavia não há como negar a posição privilegiada que os judeus julgavam ter por serem considerados como o povo escolhido. Esse fato pode ser verificado quando Jesus diz “Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos” (Bíblia, 2009, p. 87). Aqui, o locutor, um judeu, aquele de quem a mulher esperava algo, clamando-lhe por uma ação benevolente, qual seja, a cura de sua filha, deixa evidente a situação marginalizada dos cananeus, uma vez que ele os compara a “cachorrinhos”, enquanto que os judeus são chamados de “filhos”.

Anteriormente, Jesus deixa evidente a segregação que havia entre esses dois grupos: “Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Bíblia, 2009, p. 87). Em outras palavras, é como se ele dissesse “eu vim para ajudar os israelitas (eles são as ovelhas perdidas), e não qualquer outro povo”. Tão forte é essa ideologia que a mulher coloca-se no discurso como participante dela. Ao dizer “Sim, Senhor, porém os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos”, ela reconhece a posição inferior a que é submetida, de não pertencente às “ovelhas perdidas da casa de Israel”, a de “cachorrinho”, e se vale dela para corroborar o seu pedido de ajuda. A fala dos discípulos a Jesus, “Despede-a, pois vem clamando atrás de nós” (Bíblia, 2009, p. 87), também deixa transparecer essa ideologia segregadora e discriminatória.

Diante da análise feita, ficam algumas questões a serem respondidas. Estaria o discurso de Jesus, desde o início, atravessado pelo desejo de render-se aos apelos da mulher, porém não o revelou só para que se testemunhasse o quão grande era a sua fé? Talvez. Ele, que a desprezou publicamente, ao final a elogia publicamente. Teria ele feito isso para que os ali presentes (judeus, em sua maioria) tomassem a atitude daquela mulher (que era cananéia) como exemplo de fé e humildade? Quiçá. Estaria ele querendo, ao invés de aderir à ideologia discriminatória para com os cananeus, aplicar uma lição aos seus seguidores contrariando a ideologia sectária e segregadora que atravessa o seu discurso, mostrando que todos podem ser merecedores de suas dádivas? É

possível. Essas são apenas inferências, dentre outras tantas que se pode fazer no âmbito desse gênero discursivo, aberto a interpretações e atribuições de juízos de valor.

No entanto, ao lançarmos mão da dimensão interpretação, que abarca, a um só tempo, as práticas discursivas e as práticas sociais, bem como da explicação, que, por sua vez, pode ser acessada frente às práticas sociais situadas (contextualizadas), é possível jogar luz sobre o modo pelo qual aquilo que se processa na prática discursiva em foco insere-se na ação social almejada. Vimos que as narrativas de Jesus soam contraditórias para aqueles que aderem à doutrina cristã, visto que em sua fala, supostamente, ecoam preconceito e discriminação. No embate interpessoal que se processa entre os participantes da cena enunciativa em foco, a mulher cananéia expressa no seu discurso o seu repúdio, a sua contrariedade às práticas sociais discriminatórias, o que faz por meio da posição crítica que assume em relação aos argumentos apresentados por Jesus. Ao buscar desconstruir, pela força de seus argumentos, a ideologia sectarista que contraria os dogmas cristãos, demonstra-se merecedora da demanda almejada. Nesse ínterim de enfrentamento ideológico-discursivo, promove ações almejadas por Jesus, agora condizentes com os preceitos cristãos e com seus ideais de promover a paz e a justiça entre os povos.

Considerações finais

Tendo em vista o propósito deste artigo de colocar o discurso bíblico sob o olhar da ACD, verificou-se, no texto submetido à análise, a relação estabelecida entre aspectos linguísticos, discursivos e sociais, segundo a proposta de Fairclough (2001).

No discurso realizado pela mulher, Jesus e os discípulos, sob a narrativa de Mateus, pode-se perceber os três modos em que o discurso figura – significado acional, representacional e identificacional –, destacando-se, contudo, os significados acional e representacional. Os atores sociais (inter)agem no evento discursivo em foco, perpassados por ideologia e visão de mundo fortalecedoras das desigualdades de gênero, socioculturais, étnicas e religiosa. Elementos da cena enunciativa analisada evidenciam que as relações

de força e poder que atravessam o discurso bíblico/religioso podem desencadear, propagar e fortalecer as desigualdades pertinentes ao contexto em que são geradas.

Compreende-se, assim, que o discurso bíblico, à parte de qualquer tendenciosidade religiosa, é um vasto campo a ser explorado pela linguística e, sobretudo, que a Análise Crítica do Discurso fornece-nos as ferramentas propícias ao desbravamento dessa ordem do discurso, a qual, aos nossos olhos, requer posicionamento multidisciplinar perante os fatos de linguagem que operam sobre essa prática discursiva, sem dissociar o discurso da sua matriz social.

Notas

* Doutora, Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR - Paranaguá, dulce.barros@unespar.edu.br.

Referências

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BARROS, Dulce Elena. Significados identificacionais: ethos e espaço político na constituição discursiva da realidade social feminina. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 505-525, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/14837>. Acesso em: 29/08/2022.

BARROS, Dulce Elena. Análise do discurso crítica: pesquisa social e linguística. In: 1ª JIED – Jornada Internacional de Estudos do Discurso, 2008, Maringá. **Anais**. Maringá, 2008, p.1-16. Disponível em: Cdrom.

BARROS, D. E. C.; SILVA, D. E. G. Práticas Linguístico-Discursivas sob a lupa da Análise de Discurso Crítica. **Gláuks: Revista de Letras e Artes**, Viçosa, v.8, p.124-147, 2008.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade da linguagem. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 2ª ed. Campinas: Pontes, 1988.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo de Genebra Almeida Revista e Atualizada**. Edição revista e ampliada. Sociedade Bíblica do Brasil. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

CALDAS-COULTHARD, Carmen rosa; SCLIAR-CABRAL, Leonor (org.). **Desvendando Discursos**: conceitos básicos. Florianópolis: UFSC, 2008.

DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Coordenadora da trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora UnB, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. London: Logman, 1991.

HALLIDAY, M. A. K. Estrutura e função da linguagem. In: Lyons, J. (org.). **Novos Horizontes em Linguística**. Trad. Geraldo Cintra et al. São Paulo: Cultrix/Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

ORLANDI, Eni puccinelli. Exterioridade e ideologia. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 30, p. 27-33, jan./jun. 1996. Disponível em: file:///C:/Users/decba/Downloads/baygon,+Cel_30e_orlandi.pdf. Acesso em: 29/09/2022.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. 3ª ed. Campinas: Unicamp, 1997.

PEDRO, Emília Ribeiro (org.). **Análise Crítica do Discurso**: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Caminho, 1997.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

RAMALHO, Viviane C. Vieira Sebba. Representação de atores sociais na cobertura brasileira da invasão ao Iraque. In: SILVA, Denize Elena Garcia da (org.). **Língua, Gramática e Discurso**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006, p.189-195.

SASS, Katia Rejane. **Migalhas versus abundância de pão**: por um lugar à mesa uma interpretação feminista de Mt 15, 21-28. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2014. Disponível em: <<http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/handle/BR-SIFE/458>>. Acesso em: 18 ago. 2022.

SILVA, Denize Elena Garcia da. Discurso e gramática: motivações cognitivas e interacionais. In: SILVA, Denize Elena Garcia da (org.). **Nas instâncias do discurso**: uma permeabilidade de fronteiras. Brasília: UnB, 2005.

TENNEY, Merrill C. **O novo testamento sua origem e análise**. Trad. Antonio Fernandes. 1ª ed. São Paulo: Shedd publicações, 2008.

Recebido em: junho/2021.
Aprovado em: agosto/2022.